

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESENVOLVIMENTO RURAL -
PLAGEDER

HUMBERTO VIEIRA TRIBINO

DIFERENTES MERCADOS DA PESCA ARTESANAL: UM ESTUDO DE
CASO NO MUNICÍPIO DE QUARAÍ-RS.

Quaraí - RS
2013

HUMBERTO VIEIRA TRIBINO

DIFERENTES MERCADOS DA PESCA ARTESANAL: UM ESTUDO DE
CASO NO MUNICÍPIO DE QUARAÍ-RS.

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Dabdab Waquil.

Co-Orientador: Maycon Noremberg Schubert.

Quaraí - RS

2013

HUMBERTO VIEIRA TRIBINO

DIFERENTES MERCADOS DA PESCA ARTESANAL: UM ESTUDO DE
CASO NO MUNICÍPIO DE QUARAÍ-RS.

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de
Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural
PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas
da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do
título de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Dabdab Waquil.

Co-Orientador: Maycon Noremberg Schubert.

Aprovado com Conceito (_____)

Prof. Dr. Paulo Dabdab Waquil.

Orientador

UFRGS

Prof(a). *****

UFRGS

Prof(a). Dr(a). *****

Instituição

Cidade local), _____ de _____ de 2013.

Dedico este trabalho à minha esposa Sônia por todo apoio e incentivo, aos meus filhos pela expectativa e esperança de conquista.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade de um curso a distância e de forma gratuita.

A todos os Professores e Tutores por sua dedicação e profissionalismo.

À coordenadora do Polo Sandra Máximo dos Santos por seu carinho e dedicação e ao Emerson Evandro M. Moraes pelo apoio.

A meus colegas por seu companheirismo.

A minha família por sua confiança e paciência.

Ao grande arquiteto do universo por permitir a todos mais uma conquista.

RESUMO

O trabalho apresenta um estudo realizado com os pescadores artesanais do município de Quaraí, localizado na fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. Definindo e caracterizando a trajetória da pesca artesanal local. Abordando como tema os mercados da pesca artesanal praticados localmente e um estudo de caso no município. A população a ser estudada são os pescadores extrativistas que retiram da natureza o peixe em sua forma original com fins de subsistência e para comercialização a fim de gerar renda. Tendo como objetivo identificar os mercados e suas relações praticados localmente pela pesca artesanal. Conhecer as relações sociais locais desenvolvidas na comercialização da atividade relacionada à pesca artesanal. Abordando contribuições teóricas dos autores referenciados nesta obra, ao caracterizar a pesca artesanal, sua cadeia produtiva e principais espécies de peixes capturados e comercializados. Assim como as formas de comercialização e as redes de proximidade geradas pelos atores engajados na atividade do pescado artesanal praticados no município. Neste estudo de caso utilizou-se de método teórico qualitativo. A pesquisa demonstrou como principais resultados: poucas informações relativas a estatísticos e diagnósticos socioeconômicos da pesca artesanal local que possam ser utilizados como informações relacionadas a esta atividade em estudos futuros; os grupos de pescadores artesanais e suas faixas etárias que constitui a realidade profissional local; relações de trabalho entre os pescadores; expectativas relativas ao futuro de seus filhos como pescador profissional. A ideia e fomento de alguns segmentos do setor de que a pesca artesanal no município deixe de ser extrativa para ser pesca de cultivo. A comercialização de porta em porta praticada pelos pescadores. As dificuldades que surgem no momento da comercialização pescador e merenda escolar. Deixo sugestões considerando a importância na continuação de pesquisas que abordem temas relativos à sucessão profissional de pescador artesanal no município, também nas potencialidades do mercado do peixe no desenvolvimento local, possíveis opções e articulações de formas de dinamizar a inclusão das famílias da atividade da pesca em novos mercados. Estudos da relação potencial natural e prática de extração da atividade pesqueira local.

Palavras Chave: Pesca artesanal, Mercados locais, peixe, Relações de proximidade.

RESUMEN

El artículo presenta un estudio de los pescadores artesanales de la ciudad Quaraí, situado en la orilla occidental del Rio Grande do Sul Definir y caracterizar la trayectoria del lugar de pesca. Abordar el tema de los mercados de la pesca practicada a nivel local y un estudio de caso en el municipio. La población a estudiar son pescadores que obtienen la naturaleza extractiva de los peces en su forma original con fines de subsistencia y de la comercialización para generar ingresos. Con el objetivo de identificar los mercados y sus relaciones se practican a nivel local para la pesca. Conocer las relaciones sociales locales desarrolladas en las actividades de marketing relacionadas con la pesca. Abordar los aportes teóricos de los autores citados en este trabajo para caracterizar la pesca, su cadena de suministro y las principales especies de peces capturadas y comercializadas. Al igual que las formas de redes de proximidad generados por los actores que participan en la actividad de la nave peces practicado en la ciudad y comercialización. En este estudio de caso se utilizó método teórico cualitativo. La investigación ha demostrado grandes resultados como: poca información sobre diagnósticos estadísticos y socioeconómicos de la zona de pesca que se pueden utilizar como información relacionada con esta actividad en futuros estudios, grupos de pescadores y su edad es la realidad de que profesionales locales, las relaciones trabajan entre los pescadores; expectativas sobre el futuro de sus hijos como un pescador profesional. La idea y el desarrollo de algunos sectores de la pesca artesanal en el municipio deja de ser la pesca extractiva para el cultivo. La puerta a la comercialización puerta practicada por los pescadores. Las dificultades que surgen en el pescador de marketing y almuerzos escolares. Dejo sugerencias teniendo en cuenta la importancia de la continuación de la investigación que se ocupa de las cuestiones relativas a la sucesión pescadores profesionales artesanales de la provincia, también en el potencial de mercado de los peces en el desarrollo local, las posibles opciones y las articulaciones de formas de impulsar la inclusión de las familias en la actividad pesquera nuevos mercados. Estudios relacionados con la posible extracción natural y práctica de la actividad pesquera local.

Palabras clave: pesca artesanal, los mercados locales, el pescado proximidad Relaciones.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Diagrama da Cadeia da Pesca artesanal no Município de Quaraí	20
Figura 2 - Fotos da Filetagem, Moagem e Manufaturação do peixe	25
Figura 3 - Fluxograma do Processamento do Peixe	26
Figura 4 - Bacia Hidrográfica do Rio Quaraí	32
Figura 5 - Localização do Município de Quaraí no Estado	33
Figura 6 - Mapa de Quaraí	33
Figura 7 - Pescadores no Rio Quaraí	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	12
1.2 OBJETIVOS	12
1.2.1 Objetivo Geral	12
1.2.2 Objetivos Específicos	13
1.3 JUSTIFICATIVA.....	13
2 PESCA ARTESANAL NO MUNICÍPIO DE QUARAÍ.....	16
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESCA ARTESANAL	16
2.1.1 Características da Cadeia produtiva do peixe no Município de Quaraí.....	19
2.1.2 Diagrama da Cadeia da Pesca Artesanal do Município de Quaraí	20
2.1.3 Rotina da Pesca.....	21
2.1.4 Espécies de peixes pescados e comercializados	23
2.1.5 Preparo do pescado para comercialização.....	24
2.1.6 Seguro defeso	25
2.1.7 Fluxograma do Processamento do peixe capturado	26
3 MERCADOS E A COMERCIALIZAÇÃO	27
3.1 MERCADOS DE PROXIMIDADES	29
3.2.1 Redes de proximidades	29
4 METODOLOGIA	31
4.1 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	31
4.1.1 Delimitações Geográficas da Área de Estudo	32
5 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS	35
5.1 O MERCADO DA PESCA ARTESANAL NO MUNICÍPIO DE QUARAÍ.....	35
5.1.1 Caracterização do Pescador Artesanal do Município de Quaraí.....	36
5.1.2 Questões ambientais que interferem na pesca do Município de Quaraí.....	38
5.1.3 Impressões das Instituições relacionadas à Pesca do Município de Quaraí	40
5.2 RELAÇÕES DE PROXIMIDADES DO MERCADO DA PESCA ARTESANAL.....	43
6 CONCLUSÕES.....	46
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

A região da fronteira tem destaque nas atividades de bovinocultura, ovinocultura e produção de arroz irrigado, tradicionais no pampa gaúcho. Apresentadas como ícones da economia local, essas atividades são temas frequentes de estudos de produtividade e renda. No município de Quaraí, como atividades secundárias, observa-se um grande número de famílias dependentes da atividade na agricultura familiar, estas, em expansão, tendo em vista o grande incentivo de órgãos governamentais.

Também de caráter secundário, a pesca artesanal no município é utilizada como fonte de renda para muitas famílias. Visualizando a atividade especificamente dos que trabalham diretamente com a matéria prima no município de Quaraí, identificam-se como pescadores artesanais ou extrativistas, criadores de peixes ou piscicultores e também a agroindústria de produtos derivados da carne de peixe de água doce.

Com objetivo de obter informações sobre o mercado local relacionado à pesca artesanal. Focalizando, desta forma, os pescadores extrativistas que retiram o peixe *in natura* com fins de subsistência e comercialização, tendo como principais equipamentos de trabalho, redes e barcos pequenos, identificados como pescadores artesanais (Ministério da Pesca e Aquicultura - MPA).

Segundo Pasquotto (2005.p.10) há ao longo das costas de águas interiores do Brasil, a pesca de extração da natureza, identificada como pesca artesanal, para alimentação e renda.

As colônias de pescadores artesanais foram oficialmente reconhecidas como representativas da categoria em todo o País. De fato, elas já representavam os trabalhadores da área, mas ainda não podiam contar com os recursos do imposto sindical obrigatório.

A alteração ocorreu a partir da publicação de uma portaria pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), portaria número 547 de 11 de março de 2010, que estabelece o Cadastro Especial de Colônias de Pescadores (CECP), previsto no parágrafo único do artigo 8º da Constituição Federal.

A partir da publicação da portaria, as colônias, federações estaduais e a Confederação Nacional dos Pescadores poderão requerer - à Secretaria de Relações do Trabalho - o registro no CECP. Com isso, elas também estarão aptas a receber a contribuição sindical obrigatória devida pelos seus filiados, que antes eram recolhidos pelos sindicatos rurais.

A Colônia de Pescadores de Quaraí, (Z-27), com seu próprio CNPJ, embora sua sede funcione na residência do presidente da Colônia, já conta com um terreno doado para este fim. Hoje, ao buscar apoio para sua consolidação como classe pescadora no município, desenvolvem projetos junto à comunidade como: cursos de preparo de alimentos e técnicas de filetagem, incentivando ao consumo da carne de pescado. Uma das formas de comercializar o peixe é feita pelos pescadores artesanais na feira livre onde um dia na semana, produtores da agricultura familiar comercializam seus produtos. O local foi construído pela prefeitura municipal na praça central da cidade com o objetivo de possibilitar esse comércio direto entre produtor e a comunidade.

Aproximadamente há cinco anos foi formada a colônia de pescadores Z-27, possibilitando que estes profissionais fossem reconhecidos e participassem de benefícios sociais.

Neste mesmo período formou-se a primeira e única agroindústria de peixe em Quaraí.

Cavalcante (1989), em seus comentários relacionados à importância de uma colônia reconhece a importância junto aos pescadores artesanais.

As colônias tiveram origem em 1920 com o intuito de povoar e ocupar o litoral do país, coordenado pela Marinha do Brasil, surgindo então a organização social destes atores, no entanto somente na Constituição Federal de 1988 equiparou as colônias de pescadores a formato de sindicato de trabalhadores rurais, sendo atualmente as Colônias de pescadores artesanais com abrangência de regiões e municípios, (RUFFINO, 2004).

A agroindústria conhecida como “A Casa do Peixe”, comercializa produtos feitos à base de carne de peixe. Sua principal matéria prima são pescados de água doce nos rios do município. Devido a pouca oferta desta matéria prima em épocas do ano, a agroindústria incorporou em seus manufaturados produtos utilizando também matéria prima que não fornecida pela Pesca Artesanal. Os supermercados da cidade não comercializam o produto da pesca artesanal priorizando, assim, a linha industrial. Sendo que o motivo dessa preferência é devido à pesca artesanal local não poder cumprir contratos de entrega de pescado, pela instabilidade da pesca em cumprir com a demanda exigida pelos mercados relativos a quantidades e prazos exigidos nessa comercialização.

O município de Quaraí não tem peixarias, em épocas de festas como a sexta-feira santa, alguns pescadores da Colônia e pescadores artesanais não ligados à colônia comercializam seus peixes *in natura* de porta em porta, despreocupados com normas sanitárias, devido à estrutura muito simples que é possível ser praticada pelos pescadores.

Desta forma, fazem-se necessários investimentos na área, para que não ocorra a comercialização de forma inadequada colocando em risco a saúde pública.

1.1 PROBLEMAS DE PESQUISA

A colônia de pescadores no município enfrenta desafios, devido ao costumeiro descaso por parte de alguns órgãos públicos que deveriam facilitar a implantação das políticas públicas disponíveis nesta área. Sendo que os avanços que ocorrem são lentos e demorados, com frequência comprometendo prazos que em geral são exigidos. A comunicação melhor direcionada entre órgãos públicos locais e a pesca artesanal no município seria favorável no sentido de que os pescadores conheçam as opções e possibilidades oferecidas pelas políticas do setor e de como podem ter acesso a créditos e formas de sua aplicação.

Há dificuldade em encontrar dados estatísticos e estudos com abordagens específicas nesta atividade local.

A pesca artesanal necessita da elaboração de um diagnóstico socioeconômico, mostrando como são direcionadas, organizadas as ações que geram renda familiar.

Nas suas muitas dificuldades há carência de identificar e conhecer as formas e tipos de mercados existentes e praticados, e sua contribuição para uma melhor qualidade de vida das famílias envolvidas e sua participação no desenvolvimento rural e sócio econômico do município.

Dessa forma, podemos levantar questões importantes acerca desse mercado no município: A atividade resulta em contribuição ao desenvolvimento local? Quais são as relações de mercado em torno da pesca artesanal no município?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Identificar os mercados da atividade da pesca artesanal praticados no município de Quaraí - RS.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar a pesca artesanal no município de Quaraí.
- Caracterizar os mercados locais, praticados pelas atividades relacionadas à pesca artesanal.
- Conhecer as relações sociais locais, desenvolvidas na comercialização da atividade relacionada à pesca artesanal.
- O Fomento na criação de peixe no município.

1.3 JUSTIFICATIVA

A atividade pesqueira, especialmente a extrativa, aparece como forma de prover alimento desde os primórdios da maioria das civilizações estudadas, onde proporciona benefícios econômicos às organizações sociais ligadas à atividade da pesca, seja para autossuficiência ou para a comercialização.

No Brasil, a atividade pesqueira de forma artesanal apresenta-se por utilizar embarcações de pequeno porte, motorizados ou não, geralmente atuando em pesqueiros específicos. Em costas, marítimas ou de rios, feita em geral de forma autônoma, importante na manutenção de grandes diversidades culturais é uma atividade desenvolvida pelos pequenos pescadores, localizados em variadas comunidades, espalhadas pelo litoral e encostas de rios no Brasil inteiro. (DIEGUES & ARRUDA, 2001; DIEGUES, 1983).

Segundo o Ministério da Pesca e Aquicultura, a pesca artesanal no Brasil tem cerca de 970 mil pescadores registrados, sendo 957 mil pescadores e pescadoras artesanais (Setembro 2011), organizados atualmente em 760 associações, 137 sindicatos e 47 cooperativas com uma produção de pescados em torno de milhões e 240 mil quilos ao ano da pesca artesanal que atuam e dependem da pesca como principal atividade econômica.

É válido salientar que o Ministério da Pesca e Aquicultura aponta como um dos grandes desafios da pesca artesanal o alto grau de analfabetismo e a baixa escolaridade e o consequente desconhecimento da legislação do setor.

O pescador filiado a uma das instituições organizadas e portador da carteira expedida pelo Ministério da Pesca e Aquicultura estaria apto a pescar, utilizar o seguro defeso (pago em temporada de proibição da pesca devido ao período reprodutivo dos peixes), contribuição como autônomo no INSS.

As características mais comuns do pescador artesanal no Estado do Rio Grande do Sul são: com predominância da faixa etária de indivíduos a cima de cinquenta anos, sendo uma minoria de jovens dedicando-se com frequência a outras atividades, na sua maioria os pescadores com o nível escolar fundamental incompleto e analfabeto. Ambos em torno de 68%, devido ao seu envolvimento na atividade pesqueira enquanto crianças e que em torno de dez por cento sejam mulheres na atividade e famílias em geral de quatro integrantes. (BORGES e CARDOSO, 2013).

Segundo os autores citados, a atividade da pesca artesanal no Estado do Rio Grande do Sul costuma ter início na infância, com o conhecimento transmitido de pai para filho, e em lugares em que a continuidade de estudo é limitada e as oportunidades de empregos são escassas.

Em geral, na maioria das famílias de pescadores artesanais, a mulher quando não profissional da pesca, também acompanha nas atividades pesqueiras, tanto nos trabalhos das embarcações como no serviço de limpeza dos peixes e reparos de equipamentos.

A Lei nº 11.959/2009 considera atividade pesqueira artesanal todo o trabalho realizado em petrechos de pesca, ou seja, o trabalho de confecção, reparos assim como nas pequenas embarcações utilizados na pesca artesanal.

A partir da segunda Guerra mundial a pesca teve um grande avanço, pois as redes anteriormente feitas de algodão foram substituídas por náilon dando maior durabilidade assim como as embarcações a remo substituídas por motorizadas, (DIEGUES, 1983).

A pesca artesanal em Quaraí utilizava redes feitas de algodão e boias de madeira bem antes da segunda guerra mundial, segundo relatos feitos por famílias que conviveram

próximos à realidade desta atividade. Este trabalho tradicional e que ainda é realizado de forma artesanal nas águas do Rio Quaraí, ao longo dos anos muitas famílias têm praticado a pesca extrativa como forma de subsistência ou para o comércio local em pequena escala.

No seu trabalho de caracterização da pesca artesanal Cavalcante (2011), classifica em duas categorias os aparelhos de pesca, os passivos que são os anzóis, espinéis, armadilhas e redes de malhar, os quais dependem da ação dos peixes.

Os aparelhos costumeiramente utilizados são: a tarrafa, o arrasto de redes, desta forma os peixes são capturados pelo movimento destes equipamentos, (CATELLA, 2007).

A atividade relacionada ao peixe, seja esta de cunho extrativista, na piscicultura ou na agroindústria do peixe no município, tem sua relevância em um momento que vários programas e políticas públicas em nível nacional estão sendo disponibilizadas para que o desenvolvimento local seja alavancado.

Pensando nestas políticas públicas para a atividade pesqueira, faz-se necessário conhecer os tipos de mercados praticados localmente como: a) Entender sua importância na renda das famílias envolvidas nesta atividade; b) Demonstrar as dificuldades dos pescadores na comercialização e elaboração de preços frente aos produtos concorrentes entrantes.

As progressivas ideias, direcionadas à prática de piscicultura, ou seja, incentivos de políticas públicas que priorizam a produção de peixes, trazem a sensação que a pesca artesanal é agressiva ao meio ambiente, sugerindo a ideia de que seria hoje uma ameaça às espécies das bacias locais. Convém ressaltar que há também a ideia de repovoamento desta bacia onde o processo deverá acontecer num contexto de sustentabilidade.

Embora esta corrente, da piscicultura, tenha argumentação e realidade econômica comprovada de sua eficiência, este trabalho se direciona a apresentar a atividade da pesca artesanal no município de Quaraí. Neste sentido, nas próximas seções, descreve-se a atividade da pesca artesanal no município de Quaraí e discute-se a formação destes mercados e os dados coletados junto aos pescadores entrevistados.

2 PESCA ARTESANAL NO MUNICÍPIO DE QUARAI

2.1 CARACTERIZAÇÕES DA PESCA ARTESANAL

A pesca artesanal praticada no município se caracteriza por ser uma atividade autônoma. Em períodos que não a piracema ou defeso é praticada nos rios que pertencem à bacia do rio Quarai, mais especialmente no próprio rio Quarai. Esta é feita em pequenas embarcações abertas conhecidas como botes, em geral é feito o transporte das embarcações e equipamentos como redes, tarrafas, barracas, apetrechos, por via terrestre aos pesqueiros de costume de cada pescador.

Os peixes mais pescados são a traíra, dourado, cascudo, bagre, grumatã, por serem os mais encontrados.

Embora a espécie do peixe dourado esteja proibida sua captura, Decreto nº 41.672 de 11 de junho de 2002, alguns pescadores têm capturado com facilidade e de tamanho adequado ao consumo. Encontrando-se tanto consumidores como pescadores locais com a opinião de que a espécie não corre o risco de extinção, apoiadores da ideia de que seja feito estudo se de fato a espécie ainda corre o risco de extinção.

Uma atividade que oferece demanda comercial praticamente todo o ano, no entanto depende muitas vezes da oferta da natureza. Ou seja, por ser uma atividade de extração, nem sempre os cardumes se encontram disponíveis, no momento da pesca.

Os pescadores artesanais geralmente são confundidos com pescadores esportivos o que tem gerado situações desconfortáveis aos pescadores de profissão, assim como a ideia de que a piscicultura ou a criação de peixe seria a medida mais politicamente correta, sugerindo a adaptação do pescador artesanal.

Preocupação que se confirma na literatura, quando autores relatam os diferentes sistemas de produção e pesca, praticados em várias regiões e incentivado por políticas públicas (PASQUOTTO, 2005).

A pesca artesanal no município, como em muitas regiões do Brasil, gera alimento e renda a muitas famílias sendo a principal fonte de recursos destas, uma atividade antiga e possibilitada geograficamente pela bacia do rio Quarai.

Referindo-se à história e organização social de pescadores artesanais no Brasil, Delmar Dietz, relata ser a Marinha responsável pelos primeiros distritos de pescadores autorizados pela Lei nº 447 no século XVIII, sendo logo depois promulgado o Decreto nº 8388 dividindo o litoral brasileiro em zonas de pesca (Z) (DIETZ, 2011).

Sendo fundadas as primeiras colônias de pescadores a partir de 1919, embora esta ação tenha sido uma estratégia de Estado controlada pela Marinha Brasileira com o controle dos pescadores e suas colônias organizadas, servindo assim como ponto de apoio para ações sociais e administrativas do governo. (MORAES, 2010).

Com o decreto nº 23143/33, as colônias tornam subordinadas ao Ministério da Agricultura, com um novo estatuto definindo-as como sociedade civil com objetivos na defesa dos interesses dos pescadores. Porém, durante o período da Segunda Guerra Mundial, voltam novamente a ser subordinada a Marinha Brasileira com o objetivo de serem pescadores vigilantes e defensores das águas territoriais.

Dietz (2011 apud Moraes, 2010) continua seu relato baseado nos esclarecimentos do autor Moraes, quando se refere ao Decreto nº 530 em 1943 o qual determinou que as colônias de pescadores fossem transformadas em cooperativas até 1950, onde a portaria nº 478 do Ministério da Agricultura aprovando novos estatutos da Confederação, Federação e Colônias, entidades representativas de pescadores no território Brasileiro.

Em 1962 foi criada a SUDEPE – Superintendência de Desenvolvimento da Pesca vinculada ao Ministério da Agricultura, com o objetivo do desenvolvimento da Pesca (HIJEN & FERREIRA, 2002).

De 1967 a junho de 2009, o Decreto nº 221 promulgado pelo regime militar Brasileiro estabelece normas para o exercício das atividades da pesca, determinando a regularização e reorganização da atividade da pesca através de colônias (DIETZ, 2011).

Nos dias de hoje, as colônias utilizam estatutos de entidade civil, mas subordinadas ao Ministério da Agricultura, através da portaria nº 147 desde 1973, (MORAES, 2010).

Na constituição de 1988 as colônias de pescadores são igualadas em representabilidade de categoria com o sindicato dos trabalhadores rurais, podendo assim elaborar seus próprios estatutos adaptados à realidade local, sem intervenção de órgão sindical ou do poder público, tão somente com o registro no órgão competente (MORAES, 2010).

A Colônia de pescadores Z-27 foi fundada em 07 de Junho de 2008, Colônia de Pescadores de Quaraí – Rio das Garças, atualmente contando com vinte e oito pescadores registrados.

Ao ser formalizada a colônia possibilitou aos pescadores artesanais do município saírem da informalidade, sendo atividade profissional que possibilita direitos sociais, como contribuições para aposentadoria, benefícios como o seguro defeso e comprovação de renda, oferta de créditos e programas de fomento na atividade pesqueira assim como a participação em políticas públicas.

A variedade de pescados é uma atividade de relevância econômica de muitas famílias que por gerações se mantêm nessa atividade, embora se tenha poucas informações relativas às políticas utilizadas por estas famílias e as formas de mercados existentes.

Nesse contexto devido às dificuldades da pesca de extração pelo escasso recurso natural existente no município e a demanda sempre em alta, lideranças do setor cogitam a ideia de que a alternativa de solução ao problema de falta de pescado seria a atividade de produção em cativeiro.

Souza (2009) em seu trabalho se refere a esta problemática quando cita:

O recurso pesqueiro, produto da pesca extrativa de origem marítima e de água doce, é caracterizado por ser um recurso natural renovável, de propriedade comum e de livre acesso. Por essas características, a pesca extrativa, se não for controlada racionalmente, pode levar à sobrepesca do recurso. Segundo Abdalla (1998), a sobre pesca ocorre quando a captura do pescado fica além do nível máximo de rendimento biologicamente sustentável, gerando a redução do estoque natural do mesmo. (SOUZA, 2009 p.5).

Da mesma forma existem pessoas adeptas ao pensamento de mudar, mas existem as que persistem na forma artesanal e extrativa de pescar, que é os pescadores de famílias a gerações dedicadas a pesca.

A atividade da pesca requer um aprendizado passado pelas famílias, não encontrando similaridades em ambientes acadêmicos, (CUNHA 2011).

No rio Quaraí existe uma grande variedade de pescados, somada a uma relevância econômica de muitas famílias que se mantêm na atividade por gerações, embora com poucas informações formem mercados utilizados efetivamente, apesar de confrontarem opiniões acerca do manuseio sanitário do pescado.

Dos Anjos et al. (2004), em seus estudos, demonstra preocupações relacionadas ao tema:

Estudos recentes demonstram a luta cotidiana dos pescadores artesanais em garantir, sua sobrevivência não só os aspectos relacionados a pescarias, mas também as formas de garantir emprego e renda, pois em virtude das incertezas da pesca, muitos pescadores estão em busca de alternativas para garantir o sustento de suas famílias “(DOS ANJOS, et. al., 2004)”.

A atividade da pesca requer um aprendizado passado pelas famílias, (CUNHA 2011), sendo possível um comparativo com a atividade da pesca artesanal neste município, onde a grande maioria dos pescadores tem seu aprendizado de técnicas e manejos da atividade legado de pessoas da família de cada pescador.

Embora exista por parte das autoridades do município uma inclinação no sentido de abandonar a pesca artesanal, este não é compartilhado por todos os pescadores, pois demonstram resistência a mudanças. Justificando que o período de escassez de peixes é normal, citando exemplos de anos passados em que nas décadas de 60 e 70 a utilização de agrotóxicos nas lavouras de arroz foi intensa, provocando a morte de muitos cardumes e o desaparecimento de muitas espécies.

Com a fiscalização mais operante reduziu a utilização dos agrotóxicos, embora ainda seja utilizado é mais controlado e permitiu o aparecimento de cardumes, mesmo que tenha ocorrido o desaparecimento de algumas espécies que não são mais vistas como o Linguado (*Pleuronectiformes*), a Raia (*Potamotrygonidae*), (ROSA & LIMA, 1996 p.12).

2.1.1 Características da Cadeia produtiva do peixe no Município de Quaraí.

Embora não se encontre muitos registros abordando especificamente dados históricos da pesca no Rio Quaraí, é possível obter-se informações de pessoas que tiveram e têm familiares e ancestrais envolvidos nesta atividade, onde se conclui que há décadas atrás a movimentação de pesca e a circulação de embarcações ou botes eram intensa no rio Quaraí.

O conhecimento histórico do município é de que os primeiros pescadores identificados neste território foram os índios, sendo que em maior predominância as tribos Jarás e Charruas. Embora ao longo do tempo estas etnias fossem desaparecendo, sua atividade de pesca continuou sendo exercida. Este fato histórico foi registrado pelos Padres Jesuítas Portugueses que conviveram mais diretamente com estas comunidades e através destes foi possível ter conhecimento da sua organização social.

Atualmente os pescadores estão organizados em colônia de pescadores, a colônia Z-27, sendo que entre seus associados encontram-se famílias que algumas gerações praticam a pesca artesanal no município, principalmente no rio Quaraí e seus afluentes.

Nesta forma artesanal praticada no município, pode-se dizer que a cadeia produtiva inicia-se com a aquisição de produtos para a estruturação de equipamentos da atividade pesqueira, como: redes, linhas e anzóis de pesca, espinhal, tarrafas, embarcações abertas de pequeno porte (botes), motor de popa, caixas de isopor e gelo para conservação dos peixes no transporte até seu destino de comercialização.

Sendo que o pescador artesanal dá início a esse processo no momento da pesca, e em seguida o procedimento da limpeza e retirada das vísceras, que é realizada no próprio local da pesca, e depois acondicionados em caixas conservadoras e gelo.

Logo após, é feito o transporte do mesmo até seu acondicionamento em freezer, caso não seja comercializado diretamente ao atravessador ou vendedor, agroindústria, açougue ou consumidor, ou utilizado como matéria prima para o preparo de filés, bolinhos, cruz ou cozidos, para ser comercializado.

Alguns açougues do município adquirem o peixe diretamente do pescador e de forma *in natura* procedem a sua venda como unidade conforme seu tamanho, peso e espécie. Na outra ponta desta cadeia se encontra o consumidor, o qual adquire o peixe, seja diretamente do pescador, dos vendedores, açougues ou da agroindústria. Também, os próprios pescadores comercializam os peixes diretamente nas escolas do município.

2.1.2 Diagrama da Cadeia da Pesca Artesanal do Município de Quaraí.

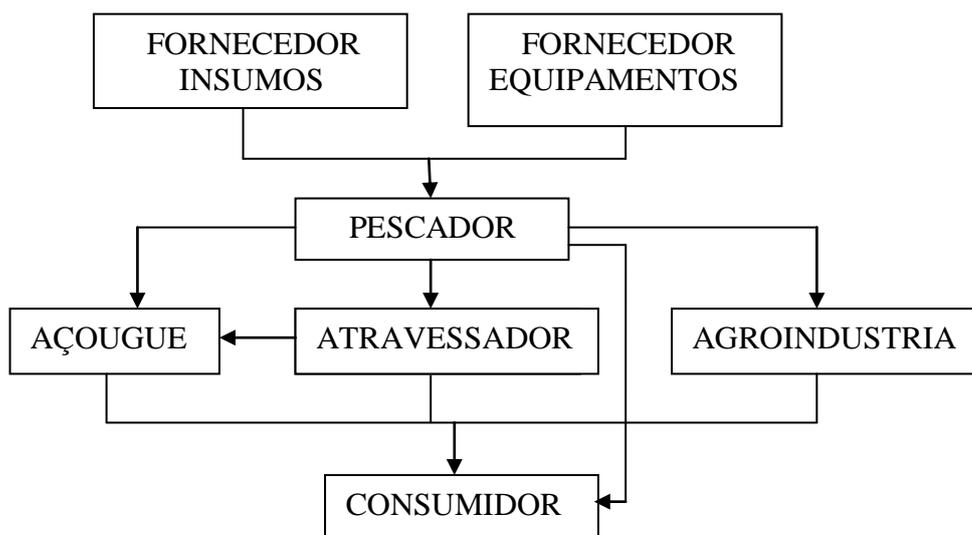


Figura 01: Diagrama da Cadeia da Pesca no Município
Fonte: Próprio autor.

2.1.3 Rotina da Pesca.

Os recursos pesqueiros são considerados bens de uso comum, tornando-se assim um direito de todos, com exceção dos locais determinados para conservação e proteção ambiental. Entretanto, se tratando do rio Quaraí, principal fonte de recursos de pesca dos pescadores artesanais do município, ao longo de suas margens é cercado de propriedades rurais, o mesmo acontecendo com seus afluentes.

Dessa forma, tem sido um desafio para muitos pescadores que, frequentemente, encontram problemas com alguns proprietários desinformados, dispostos a impedi-los de organizarem seus pesqueiros nas margens do rio. Estes alegam estarem em sua propriedade, embora os pescadores estejam utilizando a margem que é determinada pelo código florestal, já que a utilização da outra margem é impossibilitada por tratar-se do outro país (Uruguai).

Para que possam exercer suas atividades sem conflitos, os pescadores buscam contatar previamente alguns proprietários com o objetivo de negociarem suas estadias nas margens do Rio. Desta forma resume consideravelmente suas opções de pesqueiros, sendo esta situação um fator de desmotivação da continuidade da atividade da pesca artesanal.

A necessidade de estarem frequentemente trocando de pesqueiro é a própria característica do rio, que em períodos de estiagem ou poucas chuvas o volume de água do rio permanece em nível baixo, ocasionando a formação de “Lagoão” ou bolsas d’água. Dessa forma, ao longo das corredeiras rasas do rio existe a dificuldade de trânsito de cardumes, ocorrendo o desaparecimento de muitas espécies que eram nativas e hoje raramente são encontradas. Outro agravante é a construção de diques de contenção para retenção de águas para o abastecimento de lavouras, e a utilização de bombas de sucção de água, ainda utilizadas por alguns produtores na produção de arroz irrigado.

Embora as embarcações circulem livremente no leito dos rios, constata-se alguma dificuldade em épocas de seca em que o nível da água é baixo e o rio se interrompe de um lagoão a outro, onde as embarcações devem ser arrastadas em trechos de terra seca ou de águas rasas, o que algumas vezes provoca avarias nas embarcações.

Devido ao custo e agilidade na questão logística do pescado, é muito utilizado o transporte em carros das embarcações que são de porte pequeno e desembarcam nos pesqueiros previamente escolhidos.

As embarcações são abertas, em geral metálicas, variando de dois a cinco metros de comprimento, não sendo mais utilizadas embarcações de madeira como eram costumeiras, devido a seu peso e dificuldade de manuseio.

A pesca é realizada com redes em geral de malha sete, espinhais, tarrafas. Cada pescador em média utiliza em torno de oito redes, com altura de três metros que variam de trinta a sessenta metros de comprimento. No caso dos espinhais, estes são iscados com pequenos peixes como lambaris, abundantemente encontrados nos rios.

As redes são colocadas de um lado ao outro da margem dos rios, assim como os espinhais, que depois de iscados são esticados de uma margem a outra, distanciados da mesma forma que as redes. Esta operação costuma ser feita próximo ao horário do pôr do sol, ficando estes petrechos em espera durante toda a noite e ao amanhecer antes do sol nascer. As redes deverão ser retiradas da água para serem retirados os peixes capturados, os espinhais são opção de cada pescador de também retirá-los ou realizar uma revisão, retirando os peixes fígados e proceder na recuperação de novas iscas.

Segundo informações dos pescadores, no período noturno os cardumes circulam em busca de alimentos, sendo este o momento mais propício para a pesca. Alguns são retirados das redes antes do sol nascer, para evitar que as lontras ou ariranhas¹ se alimentem dos peixes que estão nas redes ou fígados nos espinhais, pois esta espécie de animais é comum nesta região.

As tarrafas são pouco utilizadas, sendo mais frequente seu uso quando visualizado cardumes e para que estas sejam efetivas é preciso haver abundância de peixes, pois no momento que é jogada na água provoca a fuga dos cardumes.

Logo após a retirada dos peixes das redes e espinhais, são selecionados, sendo os menores de trinta centímetros que ainda estão vivos devolvidos à água. O restante é comercializado, embora esse procedimento seja uma exigência das boas práticas e normativas de fiscalização, alguns pescadores não as levam em consideração, também utilizando estes pescados menores para a venda.

Após serem selecionados, os peixes são eviscerados enquanto ainda frescos e lavados no próprio local da pesca. Logo são colocados no gelo em conservadora de isopor para serem transportados até o local de sua comercialização, muitos são acondicionados em freezer, outros levados diretamente ao consumo ou processados.

¹ Lontra ou Lobo do rio, Ariranha (*Pteronura brasiliense*) animais mamíferos vertebrados de pelos escuro, carnívoros, litorais costeiros, que se abrigam em tocas, têm o peixe como principal alimento, muito encontrado nos rios da América Latina.

Um dos principais motivos da evisceração enquanto ainda frescos, são para evitar a osmose, ou seja, gosto ou cheiro produzido pelo suco gástrico e o conteúdo alimentar encontrado no estomago do peixe ser sentido na carne quando é disponibilizada para consumo. Embora esta prática seja feita pela maioria dos pescadores, constatou-se que alguns pescadores não costumam realizar esse procedimento, acondicionando seus pescados no gelo e com as vísceras, para serem limpos nos locais onde pretendem realizar a comercialização ou sua filetagem.

2.1.4 Espécies de peixes pescados e comercializados.

A variedade de peixes encontrados nos rios da região é muito variada, no entanto alguns estão impedidos de serem capturados por serem espécies consideradas em extinção segundo o IEF (Instituto Estadual de Florestas). Como, por exemplo, Surubim Pintado (*Pseudoplatystoma corruscans*) sendo comum relato de pescadores de que há quarenta anos era abundante e comum ser encontrados peixes desta espécie pesando em torno de quarenta e cinco quilos, hoje esporadicamente encontrados. No entanto, não são todos os pescadores que têm a consciência ecológica de respeitar a preservação da espécie, sendo que segundo relato de pescadores, alguns exemplares ainda são sacrificados.

Outra espécie que é encontrada em abundancia no Rio Quaraí é o dourado (*Salminus maxillosus* ou *Salminus brasiliensis*), sendo proibida sua pesca. No entanto, é frequente encontrar pescadores na sua captura e comercialização no mercado informal, espécies capturadas que variam de dois a cinco quilos. Estas espécies estão consideradas em ameaçadas de extinção sendo proibida sua pesca desde 2002, sendo o infrator multado com o valor de R\$ 5.000,00 e mais R\$ 500,00 por cada exemplar desta espécie, (IBAMA/RS).

O Decreto Estadual nº 45.480 de 14 de fevereiro de 2008, que permitiu a volta da pesca do dourado no Rio grande do sul, sendo, este revogado por recomendação da Sociedade Brasileira de Ictiologia que sugeriu uma avaliação técnica adequada futura, da mesma forma em que o Decreto nº 41.672/2002 foi elaborado, a partir de consulta a Universidades e pesquisadores da área, (SBI, 2008).

A espécie mais apreciada, por sua carne saborosa e de maior demanda no consumo, é a traíra (*Hoplias malabaricus*) muito encontrada na bacia do rio Quaraí, pesando em torno de um a três quilos em média e de 30 a 50 cm de comprimento, é um peixe de hábito noturno, que se alimenta de outras espécies pequenas como o lambari.

Ainda, são encontrados: Bagres, de média aceitação por render pouca carne; peixe cascudo (*Hypostomus affinis*), de carne apreciada e ausência de espinhos; Jundiá (*Rhamdia quelen*) de couro alcança 40 cm de comprimento e dois quilos, é carnívoro de hábitos noturnos; Grumatã (*prochilodus lineatus*) muito encontrado e capturado é comum a exclamação de que sua carne tem gosto de barro, no entanto uma boa parcela do mercado local tem preferência principalmente quando este é salgado e desidratado onde algumas pessoas chamam de bacalhau quaraiense; Piava (*Leporinus spp*) também encontrado e comercializado pelos pescadores artesanais no mercado interno do município.

2.1.5 Preparo do pescado para comercialização.

Segundo as informações colhidas entre os pescadores entrevistados, em geral, a prática de manuseio é igual entre eles. O peixe, logo depois de capturado, é eviscerado no próprio local da pesca e colocado em conservadeira de gelo e transportados até a sede do município. O transporte é feito em carros de sua propriedade, não tendo qualquer adaptação relativa a normas e boas práticas sanitárias. O tempo médio de permanência da carne de peixe nas conservadeira em gelo é de até dois dias, quando estas são transferidas para serem acondicionadas nos freezer, ou algumas serem comercializadas *in natura*.

Alguns, antes de serem refrigeradas, são filetadas, pelo próprio pescador, acondicionados em bandeijas descartáveis de um quilo e congelados, preferencialmente as traíras, cascudos e dourados. Embora proibida sua captura, alguns pescadores utilizam o dourado, que são mais aceitas na forma de files. As outras espécies de peixes são manufaturadas em carne moída onde são oferecidas para a confecção de saladas e bolinhos.

Alguns pescadores preferem comercializar a carne de peixe em forma de bolinhos, pastéis, lasanhas, tortas entre outros, onde podem utilizar as várias espécies de peixe.

Em geral, todos os pescadores pesquisados utilizam a estrutura de beneficiamento da carne de peixe em instalações simples, sendo realizado o trabalho de descamar, lavagem, filetagem e moimento, na própria cozinha doméstica. Seus equipamentos de trabalho são simples: uma faca bem afiada, tábua de madeira e poucos deles tritura a carne em triturador manual.

Os filés são acondicionados em bandeijas de quilograma e plástico ou filme transparente, a carne moída em potes plásticos de um quilo, em alguns casos já preparados os derivados.



Figura 02: Fotos da Filetagem, Moagem e Manufatura do peixe.

Fonte: Próprio autor.

2.1.6 Seguro defeso.

O período defeso, conhecido como piracema, é tido como defesa da reprodução dos peixes. Piracema é uma palavra de origem indígena (tupi). Este fenômeno é de conhecimento dos índios que, percebendo ser um período em que os peixes costumam procurar os locais mais adequados para desova e alimentação coincidia também com o período das chuvas, não sendo praticada a pesca. Esse conhecimento levou as instituições de proteção a legislar de forma a proteger e evitar o extermínio das espécies. Ao formalizar uma lei de proteção as várias espécies de peixes também se possibilitaram dispositivos jurídicos e de direito ao pescador cadastrado e reconhecido pelo Estado. De forma a compensar os quatro meses que não podem exercer a atividade da pesca nos rios, os pescadores registrados nos órgãos públicos competentes, recebem um seguro nos meses que não podem pescar.

As portarias publicadas por órgãos protetores da fauna e flora têm o objetivo de, durante o período da desova e reprodução dos peixes, que ocorrem a partir dos meses de novembro a fevereiro, impedirem a captura para que as espécies sejam preservadas.

Nos períodos fora do defeso às espécies nativas são proibidas de serem pescadas, as espécies exóticas (com origem em outros países) e alóctones (com origem em outros estados) tem restrições de até cinco quilos por pescador em jornada de pesca (IBAMA 2012).

A rotina da pesca tem uma trajetória feita desde a captura do pescado até seu destino final, o consumidor.

Esta será representada no fluxograma abaixo e sua conformação discutida ao longo das seções seguintes.

A conformação dessa trajetória será discutida principalmente nos resultados e conclusão deste trabalho.

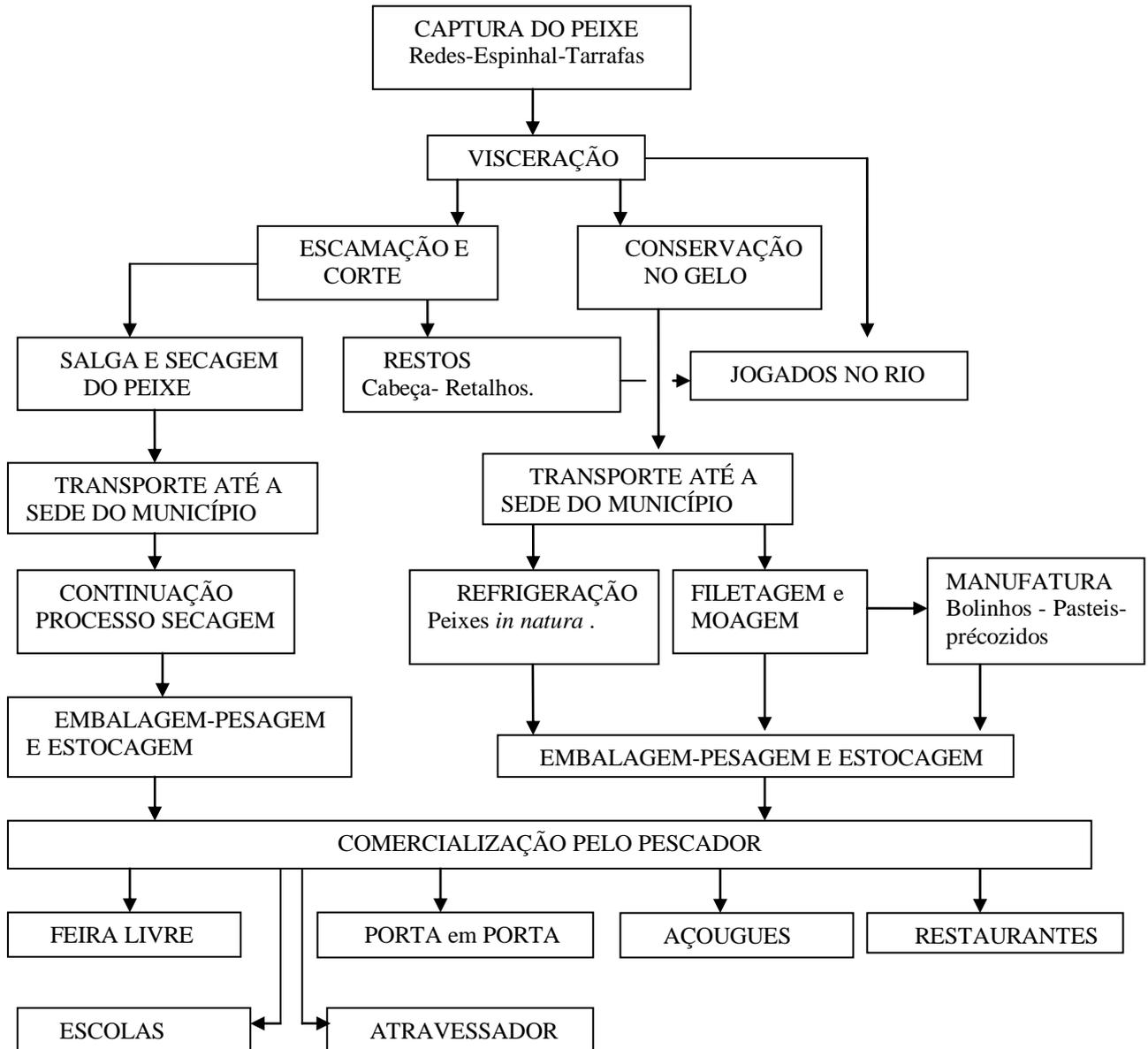


Figura 03: Fluxograma do Processamento do Peixe

Fonte: Próprio autor, 2013.

3 MERCADOS E A COMERCIALIZAÇÃO

A atividade de pesca artesanal, como toda a atividade produtiva, não se resume apenas a questão de pescar e beneficiar o pescado. Nesta cadeia produtiva a comercialização tem sua preponderância, sendo o mercado o local onde o pescador vende seu produto aferindo assim recursos para seu sustento e uma forma de contribuição para uma melhor condição e qualidade de vida.

Mercado é: “grupo de compradores e vendedores que tem potencial para negociar uns com os outros” (HALL; LIEBERMAN, 2003, p.53). Local de encontro de pessoas que tem o objetivo de comprar e de vender e através do processo de negociação da troca de produto ou serviço onde um adquire e o outro vende, é determinado a quantidade e preço do bem ou serviço transacionado.

O entendimento dos autores Waquil, Miele e Schultz, se referindo ao conceito de mercado, pode ser entendido também como uma construção social ou espaço de interação e troca, regidas por normas e regras formais e informais, onde sinais ou o preço influencia nas decisões dos envolvidos. (WAQUIL, MIELE, SCHULTZ, 2010, P.11).

Sendo fundamental para caracterizar o mercado, o bem ou serviço a ser transacionada, a possibilidade de substituição ou complementaridade entre eles, a identificação de compradores e vendedores. O espaço físico utilizado se físico ou virtual. A relação entre comprador e vendedor nas tratativas de preços e condições relacionadas ao produto que está sendo negociado, e as diferentes formas que o mercado se organiza (WAQUIL, MIELE, SCHULTZ, 2010, P.11).

Um mercado também é determinado pela diferenciação do produto ou serviço, tratando-se de um produto *in natura* ou que tenha valor agregado.

Ao tratarmos do mercado de alimentos, este tradicionalmente enfrenta hoje inúmeros desafios na atividade comercial, exigindo uma postura de conhecimento e empreendedorismo pelos seus agentes. Principalmente, frente a normativas complexas que objetivam contribuições no sentido de proteger a saúde do consumidor, onde os operadores alimentares devem assegurar em todas as fases da produção, transformação e distribuição que os alimentos cumpram os requisitos das legislações aplicáveis.

A garantia de higiene e segurança alimentar passa por procedimentos que viabilizem a sua comercialização nos vários mercados em que estará disponível. Compradores e

vendedores podem ser indivíduos, famílias ou empresas nas suas várias formas indústrias, cooperativas, etc.

O mercado tem sua abrangência geográfica dependendo de diversos fatores, a perecibilidade e o custo de transporte dos produtos, a diferenciação dos produtos como controle de qualidade e certificações, as delimitações de condições naturais do produto como o clima e o solo, imposições legais e sanitárias dos acordos entre países, estratégias comerciais entre compradores e vendedores (WAQUIL, MIELE, SCHULTZ, 2010, P.15).

A comercialização é um dos elos de importância na cadeia das explorações agrícolas, por estar diretamente ligada ao interesse do produtor, identificando-se o comércio local, regional, nacional e internacional.

O mercado local está caracterizado por estar situado próximo aos polos de produção, onde a comercialização geralmente se dá com maior rapidez e menor custo, devido à proximidade entre vendedor e comprador, no mercado regional corresponde à região geopolítica circular ao polo de produção. Já o mercado nacional está representado pelos grandes centros consumidores organizados em grandes mercados, geralmente formalizados como mercados atacadistas.

Os mercados internacionais ou mercados de exportação, também identificados pelas *commodities*, são produzidos em grandes quantidades por vários produtores. São produtos “*in natura*” provenientes de cultivo ou de extração, com um nível de negociação global devido a serem produtos primários propensos a transformações, suscetíveis a oscilações nas cotações e nos fluxos financeiros.

Os mercados são concorrenciais, onde o produtor objetiva vender sua mercadoria e adquirir lucro, nisso enfrenta o poder de negociação de compradores e fornecedores, podendo ser da mesma região ou de regiões diferente (PORTER, 1996).

O mercado do peixe no Brasil representa ser uma das mais antigas atividades econômicas, remontando ao período colonial, tornando-se crescente e relevante.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) entre 2000 e 2009 o consumo per capita de carne de peixe aumentou cerca de 30% no Brasil, sendo que a carne bovina cresceu 10%. Esse aumento se dá devido à oferta de carne de peixe ser crescente, mediante as políticas públicas e diretrizes para o desenvolvimento e fomento das atividades pesqueiras no país, (MPA, 2013).

O Brasil possui 12% da água doce do planeta, embora não se considere um mercado de grande produção pesqueira.

Segundo Ministério da Pesca, a pesca de extração perde espaço no Brasil devido ao avanço indiscriminado da pesca predatória. Embora o consumo per capita da carne de peixe tenha aumentado, com destaque na importação do produto vindo da China, o peixe na mesa do brasileiro fica restrito, devido ao preço elevado, a falta de hábito alimentar e a produção nacional insuficiente. No entanto, esse cenário começou a mudar a partir de 2005, pelo crescimento da renda da população brasileira, a produção de peixe em cativeiro passou a representar 37,8% da produção total de pescado. (MENDES e VELOSO, 2012).

3.1 MERCADOS DE PROXIMIDADES.

3.2.1 Redes de proximidades.

A comercialização da carne de peixe, realizada pelo pescador artesanal, se mantém tradicional no município. No momento em que é feita de porta em porta, onde na maioria das vezes o próprio pescador efetua a venda e cria suas estratégias de comercialização com objetivo de inserir seu produto, gera uma interação social entre produtor e consumidor.

Nos mercados socialmente construídos, as relações sociais estão presentes, no momento em que a produção, comercialização e consumo se concretizam.

Segundo os autores, os diferentes canais de comercialização que as famílias utilizam para a inserção dos seus produtos nos mercados, os agentes estão participando da construção social de mercados. (AGNE e WAQUIL, 2011).

A sociedade camponesa organiza o essencial da vida econômica no seio dos grupos domésticos: cada grupo doméstico assegura a produção de certos bens alimentícios ou outros, que consome ou troca por outros bens e serviços com outros grupos domésticos (MENDRAS, 1978, p.66).

As políticas para estimular a modernização não tiveram abrangência a todos os pequenos produtores ou agricultura familiar, fazendo com que viessem a dar mais ênfase à agroindústria de forma que novos mercados e novas relações sociais se formaram.

Entre os pescadores artesanais alguns perceberam a tendência de consumidores por produtos processados. Para atender esse mercado a agroindústria de pescados foi incorporada

no processo de renda familiar, construindo novas relações de mercado entre o pescador e o consumidor.

A autora Elizangela (2010 apud Cavalheiro, 2010) faz referência que a agro industrialização, como alternativa de fonte produtiva e de renda familiar, fazendo frente aos desafios para a comercialização, e a construção de mercados e as relações sociais da agroindústria familiar e seus diversos atores nesse mercado.

Segundo COTRIM (2002), são identificadas as potencialidades do mercado local a partir da premissa de que existem relações de confiança entre o consumidor e o produtor, produzindo um espaço sólido de comercialização com ganhos econômicos para os agricultores e vantagens em qualidade do produto para os consumidores.

No Brasil a produção da pesca extrativa (pesca industrial, pesca profissional artesanal e pesca amadora), principal fonte de peixe, encontra-se estagnada na casa das 650 mil toneladas anuais a mais de dez anos. Isto ocorre devido principalmente a sobrepesca dos estoques dos peixes comerciais. Este fator gera uma demanda reprimida no consumidor sendo neste espaço que se desenvolvendo a piscicultura de águas internas (COTRIM, 2002 p.02).

A relação de proximidade entre produtor e consumidor se dá quando a comercialização é direta, seja em uma feira livre local ou nas vendas de rua, considerada como mercados de cadeias curtas, não havendo a interferência de intermediários ou agroindústrias.

Na sua maioria, os produtores dependem da renda auferida para sua subsistência, o que comprova a falta de capital de giro ou de reservas, sendo um dos motivadores da produção e comercialização informal. Ao mesmo tempo em que existe a dificuldade de manter um estoque de pescado devido à carência de equipamentos, como freezer, pois seu produto está sujeito à deterioração e impossibilitado de ser comercializado ou consumido.

4 METODOLOGIA

4.1 METODOLOGIA DE PESQUISA.

A pesquisa objetiva estudar a pesca artesanal no município e a construção social do mercado, buscando a compreensão de situação e relação social entre pescadores artesanais e consumidores sua relação de proximidade dentro do contexto da atividade da pesca, utilizando métodos históricos interpretativos com fins descritivos e explicativos.

Com a abordagem qualitativa, atribuiu-se que seja esta forma de entender as características dos atores sociais que estão sendo entrevistados no objetivo de gerar conhecimentos práticos relativos às atividades do comércio da pesca artesanal.

Na abordagem deste trabalho realizou-se a busca de informações na forma de entrevistas, levantando dados junto aos pescadores artesanais do município, nas instituições organizadas como a Colônia de Pescadores Z-27, COOPESQ Cooperativa de Trabalho de Pescadores, Piscicultores e Aquicultores de Quaraí Ltda., EMATER de Quaraí, Secretaria do Desenvolvimento Rural do município de Quaraí.

Para obter informações compatíveis com a realidade local, foi realizado entrevista com seis pescadores artesanais, sendo que quatro pescadores filiados a colônia de pescadores Z-27 e outros dois pescadores não filiados a colônia.

Nestas entrevistas realizei o acompanhamento parcial da atividade da pesca de dois pescadores, um filiado à colônia e outro não filiado (Entrevistado A). Para estar mais próximo possível da realidade dos pescadores, o mesmo questionário foi realizado entre todos os entrevistados. Considerando as peculiaridades como: família mais numerosa de dependentes em relação aos outros pescadores, outro entrevistado levando em consideração ser na faixa etária acima dos 65 anos. Um terceiro por ser na faixa etária mais jovem. O quarto entrevistado do grupo dos pescadores melhores equipados (Entrevistado B), com pesqueiros definido, embarcação, motor de popa e transporte próprio para deslocamento por terra, etc.

4.1.1 Delimitações Geográficas da Área de Estudo.

Todo o trabalho de pesquisa foi realizado no município de Quaraí, RS, nas áreas urbana e rural.

A Bacia Hidrográfica do Rio Quaraí situa-se a oeste-sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul, Abrange a Província geomorfológica Planalto Meridional. Possui área de 6.471,77 Km² e população estimada em 29.885 habitantes, abrangendo municípios como Barra do Quaraí, Quaraí, Santana do Livramento e Uruguaiana. Os principais cursos de água são os arroios Moirões, Sarandi, Quaraí-mirim, Garupa, Capivari e o Rio Quaraí. (SEMA, 2010). A figura 03 representa a Bacia Hidrográfica do Rio Quaraí:

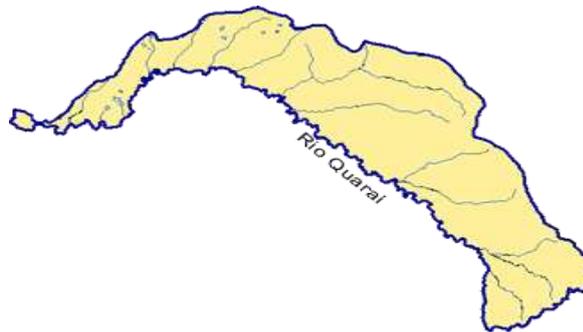


Figura 04: Bacia Hidrográfica do Rio Quaraí

Fonte: Fepam RS.

A cidade de Quaraí com uma população de 23.021 habitantes, uma área 3.148 km², representando 1, 1706 % do território do estado, 0, 5585% da região sul e 0 037% de todo o território brasileiro. Seus limites e distâncias são: Santana do Livramento 126 km ao Sul, Alegrete 107 km à Leste e Norte, Uruguaiana 108 km à Noroeste e a República Oriental do Uruguai 750 metros à Oeste, distância de Porto Alegre, capital do estado, é de 710 km. A figura 04 representa a localização do município no Estado do Rio Grande do Sul, (SIS FRONTEIRAS, 2007 p.7).



Figura 05: Localização do Município de Quaraí no Estado

Fonte: WIKIPÉDIA, 2007.

Com bioma pampa, Região da campanha, fronteira com o Uruguai, clima subtropical úmido, temperatura média 20C°, PIB (R\$ mil) 288.971, per capita (R\$), 12.553.

O município de Quaraí, com emancipação política do município de Alegrete, em oito de abril de 1875, e origem da cultura indígena, pois nessa terra viveram tribos indígenas Charruas. “Seu nome com significado: “Rio das Pedras ou Rio cheio de Buracos”, ou ainda Rio das Garças”, (SIS FRONTEIRAS, 2007 p.21). O mapa da cidade está representado abaixo (Figura 05):

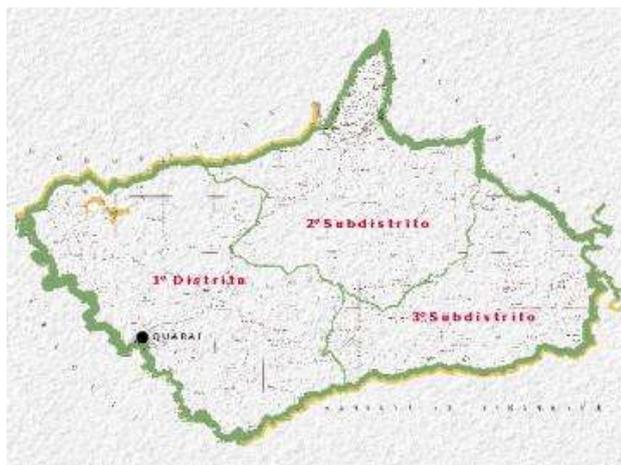


Figura 06: Mapa de Quaraí

Fonte: Prefeitura Municipal de Quaraí.

Em seu território está localizado o Cerro do Jarau (cratera de 5,5 Km de diâmetro, provavelmente formada por queda de meteoro há 117 milhões de anos), cenário da famosa

lenda ‘Salamanca do Jarau’, recolhida pelo escritor gaúcho Simões Lopes Neto sendo marca no imaginário da região, (SIS FRONTEIRAS, 2007 p. 23).

Sendo local de fronteira, a cidade de Quaraí compartilha com outras cidades geograficamente próximas, uma história marcada pela disputa de fronteira entre Espanha e Portugal no período colonial, sendo que em 1801 foi assinado o tratado de Badajós entre Portugal, Espanha e França, delimitando o atual território Brasileiro estabelecendo o Rio Quaraí como limite nacional, (SIS FRONTEIRAS, 2007 p.23).

Com a determinação do império Brasileiro, em 1816, foi instalado uma guarnição militar sob o comando de José de Abreu, a qual deu origem a um povoamento urbano as margens do Rio Quaraí e na sesmaria pertencente a João Batista de Castilhos. Nesta época em se iniciaram as primeiras estâncias e guarnições militares com interesse de marcar território brasileiro, logo conhecido como freguesia de São João Batista sendo a seguir transformada em vila da província de São Pedro até sua emancipação político e elevado à cidade em 1875, (SIS FRONTEIRAS, 2007 p.23).

5 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Dos objetivos propostos neste trabalho e do que foi exposto, efetuou-se levantamento bibliográfico de informações relativas à pesca artesanal, assim como definições de Mercados onde a atividade de comercialização do peixe se identifica. Posterior a este trabalho, foram realizadas entrevistas junto a pescadores ativos, e de instituições como a Colônia de Pescadores de Quaraí – Rio das Garças – Z- 27. EMATER – RS, ASCAR de Quaraí, Secretaria do Desenvolvimento Rural de Quaraí, DEMA Departamento de Meio Ambiente de Quaraí e COPESQ, Cooperativa de Trabalho de Pescadores Piscicultores e Aquicultores de Quaraí.

Com os dados adquiridos em entrevistas e o apoio do referencial teórico, foi possível relacionar um paralelo das informações adquiridas contemplando a pesca artesanal praticadas no município. Identificaram-se as formas de mercados no município pela atividade pesqueira artesanal, tornando conhecidas as relações sociais de proximidade neste mercado.

Através dos resultados obtidos e do paralelo de citações de autores que conhecem e dominam temas relacionados à pesca artesanal, mercados de proximidades e dos ambientes institucionais e suas formas de organização relacionadas à atividade da pesca artesanal. Foi possível formalizar um estudo de caso relativo à realidade local do município de Quaraí.

Neste capítulo, efetua-se o estudo de caso identificando a pesca artesanal local e as formas de organização social bem como o mercado praticado.

5.1 O MERCADO DA PESCA ARTESANAL NO MUNICÍPIO DE QUARAÍ.

Nas entrevistas realizadas em campo e em alguns casos, o acompanhamento de parte das atividades possibilitou o conhecimento da prática da pesca artesanal no município e a forma de comercializar o pescado deste extrato social.

5.1.1 Caracterização do Pescador Artesanal do Município de Quaraí

Como vivem? Econômica e social, qualificação, escolaridade. Dentro de um novo contexto o que diagnosticar? Visto que o perfil de um profissional atualmente exige qualificação não seria diferente na área artesanal.

Foi analisado considerando o número de dependentes, faixa etária, melhor equipados, filiado e não filiado na colônia, já que existem pescadores portadores de carteira e autorizados pelo Ministério da Pesca que não são filiados a qualquer tipo de organização.

Os pescadores da colônia na faixa etária dos vinte a trinta anos constituem famílias com um a dois filhos. Já nos pescadores de mais de quarenta anos de idade, são famílias em torno de três filhos em média, no caso de pescadores com idade de aposentadoria alguns são aposentados não pela atividade da pesca, mas como trabalhadores rurais.

Os pescadores com idade próxima aos quarenta anos são os que ainda jovens iniciaram a atividade da pesca e continuam com suas famílias. No caso dos pescadores de idade próxima aos sessenta anos não tem tradição na pesca. São pessoas que trabalharam no campo como peões de estâncias e que devido ao desgaste físico da atividade campeira optaram pela pesca artesanal por considerarem uma atividade de menor esforço físico, com liberdade de ação e sem vínculo empregatício e com benefícios sociais na questão de aposentadorias.

Dos pescadores entrevistados, somente um possuía o ensino médio incompleto, os outros com as séries iniciais, alguns, como no caso dos mais idosos, sem escolaridade formal.

Os pescadores mais jovens vivem de aluguel, nestes percebe-se a preocupação de estar sempre atentos a oportunidades de emprego. Demonstram não ser pescadores por vocação e sim como oportunidade de trabalho do momento. Alguns têm atividade paralela como trabalhos de serviços gerais informais como limpezas de quintais, pintura de prédios, eventuais serviços de auxiliar de pedreiro.

Os pescadores na faixa dos quarenta anos de idade são os mais identificados na profissão da pesca, possuem equipamentos de pesca, barcos de pequeno porte, carro para o transporte dos mesmos. São portadores da carteira de pescador e possuem talão de produtor, dos quais mensalmente declaram ICMS para poderem comprovar renda e a obtenção do DAP viabilizado pela EMATER, tem acesso ao seguro defeso nos meses de novembro á fevereiro, além de declararem estoque, o que justifica a livre comercialização de peixe nos períodos de defeso.

Os pescadores na faixa dos quarenta anos de idade costumam ter seus pesqueiros já pré-determinados e organizados, evitando desentendimento com proprietários de terras nas

margens dos rios que costumam pescar. Suas esposas costumam participar no trabalho com a chegada do pescado e algumas auxiliam no trabalho de comercialização. Em geral, os filhos ajudam, no entanto a preocupação é que estes estudem e “seja alguém na vida” frase repetida por muitos, se referindo que não pretendem ver seus filhos como pescadores.

A expectativa de abandono da pesca é mais frequente nos pescadores com menos de trinta e cinco anos, pois estão em busca de oportunidades melhores de trabalho, embora não tenham uma qualificação definida. Os mais estruturados não pretendem abandonar a pesca, entre estes, alguns pensam migrar para a piscicultura, não o fazendo por não serem proprietários de terra.

Em geral os mais idosos têm preferência em parcerias na pesca, tendo o apoio dos mais estruturados que viabilizam esta forma de trabalho, o que não é compartilhado pelos pescadores mais jovens, os quais preferem trabalhar sozinhos. Não foram observadas estratégias ou metas para atingirem produção, dentre a maioria dos entrevistados, sendo o trabalho feito mais pela intuição ou a expectativa confiada em sua experiência pessoal como pescador.

Os pescadores mais estruturados procuram agregar valor em sua produção para a comercialização, pois acreditam que o peixe *in natura* oferece menor renda, enquanto que o produto fileteado, moído ou manufaturado oferece maior renda. Sendo feito na maioria das vezes com mão de obra das esposas e filhas adolescentes, nestes casos a renda mensal familiar gira em torno de R\$ 900,00 a R\$ 1.300,00 reais, dependendo da temporada.

Quando questionados acerca de sugestões para melhoria ou ampliação da técnica de pesca, os indivíduos declaram acreditar que fazem o melhor que se tem a disposição atualmente, não havendo necessidade de mudança em seus métodos. Em relação aos créditos oferecidos através de programas do governo, estes observam que não utilizam desse auxílio, apontando que toda vez que buscaram, os foi negado, conforme desabafo do entrevistado “eles nem se quer falam direito com a gente, pobre pra essa gente não é gente, e os políticos mentem muito”. (Entrevistado A)

Em relação às políticas públicas em prol da venda de peixes em escolas, os entrevistados comentam sobre as dificuldades em cumprir as exigências de quantidade mensal, uma vez que a “oferta de cardumes é da natureza e nem sempre se tem o que gostaria”, conforme aponta o entrevistado B.

Ao serem questionados sobre como é a avaliação sobre as instituições públicas no município em relação à pesca artesanal, os seis pescadores entrevistados foram unânimes em responder ser deficientes e não atenderem suas expectativas.

5.1.2 Questões ambientais que interferem na pesca do Município de Quaraí

Para que se tenha uma visão esclarecedora das questões relativas às crises no setor da pesca artesanal e que certamente afetam a produtividade, comercialização e renda são necessárias fazer observações sobre os aspectos ambientais relativos à bacia do Quaraí.

A cidade de Quaraí com uma população de 23.021 habitantes, conta com vários setores de atividades que dependem do Rio Quaraí, como: lavouras de arroz irrigado, apesar da maior parte dos produtores terem seus próprios reservatórios de água, ainda existe uma minoria que utiliza das águas do rio para este fim; mineração e extração de argila, arenito, saibro e brita, cascalho e areia são práticas que têm diminuído gradualmente ao longo do tempo, sendo que próximo às áreas urbanas não são mais vistas; as práticas de agrotóxicos nas lavouras ainda são contínuas e com as precipitações escoam suas águas contaminadas para o rio.

Embora estudos tenham mostrado um baixo índice de degradação, (SEMA-RS, 2010), são constatados riscos de arenização e erosão, a elevada contaminação por efluentes urbanos e as frequentes inundações nas regiões urbanas das cidades de Quaraí e Barra do Quaraí em períodos de maior precipitação.

Em áreas de mineração de argila, arenito, saibro e brita, cascalho e areia são extrações constantes e de longos anos, feitas às margens do rio, principalmente próximos às áreas urbanas e em especial do lado uruguaio.

Das atividades de plantio de arroz, a utilização de agrotóxicos nas várzeas próximas ao rio, que com as precipitações escoam suas águas contaminadas, o frequente bombeamento de águas do rio para irrigação das lavouras de arroz e a manutenção de água em reservatórios de água como as barragens, prática está muito usual do lado uruguaio.

Nas épocas de estiagem, frequentes no município, o rio Quaraí fica muito abaixo do seu nível, embora os municípios do lado brasileiro cumpram com os tratados acordados pelo comitê de coordenação da Bacia do Rio Quaraí formado por integrantes dos dois países. Na prática se observa que do outro lado da fronteira não existe a mesma disposição.

Um dos acordos e objeto de política pública executada pela Prefeitura do Município de Quaraí e CORSAN – é a construção de estação de tratamento de esgoto urbano que capta em

torno de 80% dos efluentes gerados no município de Quaraí e depois de tratados na estação é escoada no rio. Esta medida melhorou muito a qualidade da água do rio, percebendo-se a volta de algumas espécies de peixes que já não eram mais vistas no rio como o caso da espécie surubim.

Outra prática que ao longo dos anos vem sendo costumeira, por produtores de arroz do lado uruguaio, território que faz fronteira com o município de Santana do Livramento, são construções de diques ou Taipas. Feitos de terra e pedra dentro do leito do rio, com a finalidade de concentrar maior volume de água em locais onde estão instaladas bombas de sucção para irrigar as lavouras. Essa prática era muito comum há alguns anos atrás, em que quase a totalidade dos produtores do lado brasileiro praticava, porém com a intervenção e o trabalho feito pelo Comitê da Bacia do Rio Quaraí, não se constata mais, pois os produtores brasileiros e alguns produtores uruguaios construíram barragens, ou reservatórios de água e não mais utilizam águas do rio. Ainda encontra-se esporadicamente no Brasil algumas lavouras que utilizam a água do rio, o que acontece com maior intensidade do lado Uruguaio.

As consequências dos diques são interferir no sistema natural produzindo, em épocas de estiagem, maior agravamento no leito em que em muitos locais o rio se corta, permanecendo o fundo do rio seco e exposto. Concentração de água em locais de maior profundidade com pouca corredeira, o que provavelmente deve interferir na oxigenação da água e atrapalhar no processo de reprodução dos peixes, assim como dar margem para a prática da pesca ilegal devido às condições expostas em que se encontram os peixes.

Não se pode deixar de reconhecer que esforços e investimentos importantes foram e estão sendo realizados para a proteção de uma bacia, de extrema importância na região fronteira dos pampas. A problemática dos efluentes está sendo tratada com grande avanço de forma que soluções reais foram e estão sendo executadas.

A questão da utilização da água do rio para irrigação de lavouras, em prejuízo do leito do rio tem sido minimizada. A questão dos agrotóxicos ainda deixa a desejar, a extração de minérios e areia, brita cascalhos das margens do rio já não são mais feitas no lado brasileiro, o que não se pode dizer o mesmo da outra margem do rio.

Da questão de desmatamentos das matas ciliares, devido à constante fiscalização esse procedimento foi diminuído consideravelmente, porém essa prática é mais frequentemente utilizada por produtores uruguaios com objetivo de aumentarem suas áreas para plantio de lavouras de arroz e de espaço para pastagem do gado.

O que justifica a constante reclamação por parte dos pescadores que uma de suas maiores crises é no tocante a diminuição dos cardumes devido às agressões sofridas pelos rios, mais especialmente o maior da bacia o Rio Quaraí.

5.1.3 Impressões das Instituições relacionadas à Pesca do Município de Quaraí

O apoio de instituições e participação de instituições públicas no desenvolvimento de atividades agrícolas é de fundamental importância, da mesma forma, para a pesca artesanal. Especialmente, em um momento em que o governo divulga projetos de fomento para ampliação e fortalecimento da atividade pesqueira, com o objetivo de distribuir renda e realizar a inclusão social e produtiva, objetivos do programa Plano Safra da Pesca e Aquicultura.

Em conversa com o técnico da EMATER, unidade de Quaraí, nos deu uma avaliação relativa à pesca artesanal no município a qual se mostra de forma desorganizada. Dessa forma, não existe, em primeira análise, um recurso natural capaz de sustentar esta atividade como principal rendimento para uma família, existindo alguns pescadores artesanais que possuem uma renda significativa através do extrativismo de produtos provenientes da pesca, porém necessitando de outra atividade complementar para o sustento de seus familiares.

O trabalho de incentivo ao setor da pesca artesanal se dá na comercialização, principalmente nas feiras livres, os créditos rurais, salientando que a constituição da colônia é muito recente. Os cadastros e registros estatísticos, relativos à atividade no município, estão em fase de organização por parte da EMATER, de conhecimento desta são em torno de quinze pescadores registrados e com carteira de pescador artesanal, não sendo possível uma estimativa de renda real por família provenientes desta atividade. Não existindo dados oficiais do município, tratando-se de um mercado informal, porém não deixa de ser uma alternativa de renda para várias famílias, potencial este que deve ser desenvolvido na direção da produção de peixes na piscicultura, por tratar-se de recursos naturais muito limitados, tendo como obstáculo importante, a questão ambiental.

A EMATER local explica que, no setor da pesca em Quaraí, não só há um grande potencial, mas carece de uma estrutura organizada, da qual a pesca artesanal possa vir praticar a piscicultura. Para isso, organizando de forma que se tenha um abatedouro onde receba os peixes criados em locais apropriados, não saturando ainda mais os meios naturais

que não são capazes de proverem a demanda exigida. Assim, formando uma organização melhor estruturada dos pescadores de forma a conquistar melhores mercados e possibilitar renda digna a todas as famílias envolvidas na atividade da pesca.

Nas idéias do técnico da EMATER, a prática de criar peixes e um abatedouro local seria a estrutura para não exigir tanto dos recursos naturais. Para que isto seja feito, há a necessidade de espaço físico, ou propriedades rurais onde a atividade seja possível.

Por outro lado os pescadores artesanais, quando relatam a dificuldade em concordar com essa ideia, pois estes não possuem terras e preferem a continuação da pesca de extração.

A Secretaria do Desenvolvimento Rural do Município reconhece existir um grande potencial na produção de pescado no município, entretanto concorda que este setor deve se desenvolver de forma mais dinâmica e organizada. Pois, a pesca artesanal enfrenta muitas dificuldades e a questão ambiental é um dos grandes fatores limitantes, além da questão sanitária e logística, também na qualidade de produto em termos de consumo.

O Departamento de Meio Ambiente (DEMA), reconhece a atividade de pesca artesanal como fonte de renda para algumas famílias, entretanto constata problemas graves nesta prática, devido à desinformação aparente. Assim, pode-se observar o desrespeito a algumas legislações relativas ao ambiente, tais como a pesca predatória onde não são respeitados os tamanhos e peso de peixes; a pesca de peixes protegidos como o dourado e o surubim; a forma indiscriminada de pescar sem a preocupação de reservas dos cardumes.



Figura 07: Pescadores no Rio Quaraí.
FONTE: CASTILHOS J. (1945)

Da Colônia de Pescadores e Aquicultores – Z-27- Rio das Garças, conta hoje em torno de vinte e oito sócios portador de carteira de pescador, sendo que destes, treze praticam a

pesca artesanal como atividade principal, o restante conta com outras atividades complementares, embora existam pescadores com carteira que não filiados a Colônia Z- 27.

A colônia existe há cinco anos no município, o que não foi possível ainda obter dados formais e estatísticos da atividade devido a pouca instrução secular dos filiados e a frequentes desentendimentos administrativos. Acarretando, portanto, esse trabalho na pessoa do presidente e poucos que cooperam nesse sentido, sendo que um dos maiores incentivos da formalização da colônia foi um movimento iniciado pela família Garcia. Esta reuniu outras famílias de pescadores a fim de garantir acesso a créditos, benefícios sociais, tais como aposentadoria, seguro defeso e melhorar a qualidade de vida destas famílias envolvidas na pesca artesanal, sendo esta uma atividade muito antiga e praticada já há muitos anos no município.

Alguns sócios já utilizaram o crédito rural, entretanto isto é feito somente por quem possui o talão de produtor, comprovando sua atividade de pesca artesanal.

A colônia costuma desenvolver atividades consideradas comunitárias, nas quais são oferecidos cursos de filetagem e cursos de culinária com a utilização de pescados, tendo como clientela interessada a própria comunidade consumidora de peixes.

O presidente da Colônia avalia a pesca artesanal do município como um grande potencial, embora reconheça que os rios da bacia do Quaraí oferecem restrições relativas à quantidade de peixe necessária para atender a demanda do número de pescadores. Sendo esta uma questão que tem levado a pouco ou quase nenhum apoio por parte de instituições públicas do setor no município, sendo estes favoráveis a criadouros e não à pesca extrativista.

A estimativa de renda dos pescadores que trabalham efetivamente na pesca artesanal é em torno de R\$ 900,00, pois a venda de peixe é realizada em feiras livre, mas principalmente a venda de casa em casa, onde boa parte dos pescadores já tem seus clientes fidelizados. Alguns vendem em açougues, restaurantes e esporadicamente em escolas, acreditando haver relevância e contribuição no desenvolvimento do município, pois produz emprego e renda para muitas famílias, apesar de não contarem com apoio de instituições que deveriam promover trabalhos de incentivo neste setor.

Em relação à Cooperativa de Trabalho de Pescadores, Piscicultores e Aquicultores de Quaraí Ltda. (COOPESQ), teve seu registro aprovado recentemente, ainda no processo de organização e estruturação. Conta com um quadro de vinte e oito sócios, na sua maioria são profissionais de outras áreas de atividade que não a pesca, sendo poucos pescadores artesanais.

Sua direção está implantando metas e formas de trabalho, estão trabalhando em projetos que pretendem por em prática, partindo da premissa de que os recursos naturais da bacia do Quaraí não são suficientes para o abastecimento da demanda encontrada no mercado do município; que a agressão ambiental se faz no momento em que os cardumes naturais são constantemente movimentados sem tempo suficiente de se recuperarem; a informalidade e desorganização da pesca como atividade comercial que poderia ser mais bem explorado, não mais pelo extrativismo, mas pela piscicultura, já que existe um grande potencial nessa área.

Estudos estão sendo realizados, no sentido de viabilizar projetos de criação de espécies nativas, para serem comercializadas. Projetos de implantação de tanques e criadouros, utilizando a agricultura familiar existente no município; a implantação de um abatedouro de peixes no município, com a finalidade de possibilitar a melhoria na oferta e qualidade sanitária do produto e apoio e estruturação no trabalho de fiscalização.

Melhorar o mercado de oferta local e realizar um trabalho de expansão de mercados fora do município com estruturação de agroindústrias que venham atender essa nova implantação de melhor forma de logística na distribuição do pescado a partir do abatedouro e sua distribuição a seus diversos destinos.

Aquisição de uma área onde haverá formação de um laboratório de pesquisa e desova de matrizes e alevinos de espécies nativas do rio Quaraí e sua distribuição para criadouros de parceiros da Cooperativa. Assim, não sendo mais necessária a pesca extrativista, com uma porcentagem reserva de peixes destinados ao rio Quaraí e seus afluentes, a fim de ajudar em seu repovoamento.

5.2 RELAÇÕES DE PROXIMIDADES DO MERCADO DA PESCA ARTESANAL.

A população consumidora de peixe no município é variada, em geral exigente na questão da qualidade. Não se tem conhecimento de estudos que identifiquem questões de quantidade e consumo feitos especificamente do município, mas de forma empírica, o consumo de carne bovina e ovina se destaca, possivelmente pela tradição e oferta facilitada. No entanto se percebe a grande demanda e a pequena oferta de carne de peixe, o que trás a curiosidade de porque o insucesso de tentativas de implantarem a piscicultura e esta não ser aceita pelo mercado local.

Percebe-se que as espécies de peixes em cativeiros não ofereceram o paladar esperado pela demanda em consumo. O consumidor já acostumado às espécies encontradas nos rios, fato que se confirma, pois os peixes nativos são os mais procurados principalmente a carne de Traíra, Cascudo, Bagre, Piava, Jundiá, Grumatã, e os peixes proibidos de serem capturados, mas que são comercializados, principalmente o dourado.

Existindo demanda por estas espécies de peixe e a oferta destes é feita pela pesca artesanal, justifica-se a continuação e aceitação da forma de pesca artesanal, já que a piscicultura não ofereceu espécies de demanda, mas espécies exóticas que são menos aceitas para o consumo.

Além do comércio de peixes *in natura* em feiras livres, outra forma de comercializar o peixe mais frequente é a venda de casa em casa. Nesse caso, o pescador já conhecedor das preferências de seu cliente, prepara o peixe da forma exigida. Nessa ação comercial entre os atores sociais existe mais do que um comprador e um vendedor, é desenvolvida uma relação de confiança onde o pescador se prepara de forma a atender a demanda de um cliente, e este consumidor compra o esperado.

Nesse processo, observam-se casos em que nem sempre o pagamento é efetuado no momento da compra, aparecendo o crédito da livretinha, aonde o pescador vai anotando as entregas para as famílias assalariadas. O acerto ou pagamento é realizado quando estes recebem seus salários, normalmente nos primeiros dias do mês, não existindo notas fiscais ou assinaturas de confirmação.

A outra forma de comercializar é aquela em que o pescador circula nas ruas em uma motocicleta ou bicicleta, com uma caixa conservadeira de isopor e gelo onde os peixes estão acondicionados e com um apito ou de viva voz oferece. Neste caso, nem sempre existe a clientela fiel, dependendo da procura do dia pode ocorrer em que o peixe que não é vendido no dia se perca, não tendo mais condições de consumo.

A venda de peixes a restaurantes tem seus fornecedores definidos, pois se trata de um cliente mais exigente, na questão de preço, quantidade e espécie de peixe, o que reduz bastante o interesse dos pescadores em negociar, já que a pesca artesanal nem sempre possibilita trabalhar com essas exigências.

A comercialização para merenda escolar, embora seja feita, não é muito frequente, por tratar-se de poucos pescadores que possuem os talões de produtor que é uma exigência das escolas. No caso de escolas estaduais o processo licitatório é utilizado, o que dificulta ainda mais pela informalidade dos pescadores. Porém o maior problema é relacionado à quantidade de oferta, pois as escolas exigem grandes quantidades as quais não são possíveis ser atendidas

pela pesca artesanal do município, a comercialização se dá esporadicamente com escolas municipais que adquirem quantidades em que podem ser fornecidas em uma compra, não havendo o compromisso de contínuo fornecimento mensal.

Atualmente, o peixe comercializado diretamente do pescador ao consumidor tem em média o preço de R\$ 12,00, sendo que este comercializado em açougue ou na única agroindústria de carne de peixe da cidade é comercializado em torno de R\$ 17,00 a R\$ 20,00 reais o quilo.

A comercialização da agroindústria da carne de pescado existente no município é informal, os produtos manufaturados têm os procedimentos sanitários baseados em normas estabelecidas para a carne bovina, visto que a estrutura de abatedouro para a carne de pescado não tem no município. Sendo que a agroindústria funciona com uma estrutura mais doméstica do que industrial.

O peixe é vendido em forma de filé, carne crua e embalada em bandeijas de quilograma, resfriado e congelados, os produtos manufaturados são cozidos e pré-cozidos, sendo pasteis, bolinhos, lasanha de peixe, linguiça de peixe, salgadinhos recheados de carne de peixe.

6 CONCLUSÕES

Esta pesquisa teve como objetivo identificar os mercados da pesca artesanal do município de Quaraí através de um estudo de caso com algumas famílias e profissionais da pesca artesanal local. Os entrevistados têm participação com a atividade da pesca, os pescadores compartilham de seu conhecimento prático, sendo que poucos pescadores são de descendência de famílias de pescadores artesanais.

Os pescadores artesanais estão organizados em colônia e Cooperativa. A colônia de pescadores Z-27 Rio das Garças está formada há algum tempo, trouxe a possibilidade de registro individual de pescador profissional, possibilitando o acesso a benefícios trabalhistas e ao crédito oferecido pelas políticas públicas.

A Cooperativa de trabalhadores da pesca, formada recentemente, ainda sem atuação efetiva devido a seu tempo de existência, inclui no seu quadro de sócios além de pescadores artesanais, também piscicultores e profissionais de outras áreas que não a pesca.

Embora a pesca artesanal seja muito antiga na região, não se tem dados estatísticos ou registros oficiais que possam informar seu real impacto na economia do município ou fornecer subsídios para estudos relativos a esta atividade em específico.

As organizações públicas do município com atribuições no setor da pesca entendem que a pesca artesanal enfrenta dificuldades pelo parco recurso natural local. No entanto existem famílias que dependem desta atividade para seu sustento e apesar das dificuldades pretendem continuar a pesca de forma extrativista.

Os pescadores artesanais com faixa etária acima de sessenta anos de idade é constituída de homens aposentados em geral de atividades do trabalho rural. Os pescadores da faixa etária de quarenta anos são os que se mantém e investem na atividade, sendo os que utilizam da prestação de serviços ou parcerias dos mais idosos e dos mais jovens. O grupo dos pescadores mais jovens é de pessoas que vêm de profissões diversas e sua maioria não se considera pescador, utilizando a atividade temporariamente na expectativa de obter emprego em outras áreas. Um fato conclusivo é de que a maioria dos pescadores não espera que seus filhos sejam pescadores, mas que tenham outras profissões que no seu entender são mais promissoras.

Tenho a sensação de que existe a ideia entre os pescadores de que seus filhos, para continuarem na atividade da pesca, deverão abraçar o paradigma da piscicultura, ou seguirem

outras atividades que possibilitem uma renda mais condizente com a realidade consumista e capitalista atual.

Neste contexto de continuidade dos filhos na pesca artesanal, seriam interessantes os projetos de alternativas sociais de capacitação profissional associado a uma tecnologia que capacita jovens e adultos para um desenvolvimento social, capaz de exercer a cidadania utilizando-se de cursos gratuitos oferecidos pelo governo. Visto que, hoje, às portas do terceiro milênio com o desenvolvimento social, econômico e tecnológico, novas alternativas contribuem na preparação da matéria prima.

É preocupante que a natureza local não oferece mais recursos para uma atividade extrativista, invertendo a ação, onde o homem, depois de muito tirar, deve agora prover meios de repor e proteger para que não continue a desaparecer as riquezas de espécies que eram abundantes. Na comunidade de pescadores encontram-se aqueles que são adeptos a ideia de que a cooperativa de pescadores seja um instrumento articulador no sentido de procurar parcerias com organizações públicas, privadas e universitárias e possibilitar a realidade de um laboratório de produção de alevinos nativos e estes seria objeto de repovoamento dos rios na bacia do rio Quaraí.

Ao buscar informações se conhece e identifica as formas de mercado existentes no município praticados pela pesca artesanal, sua parcela de contribuição, a constatação de que estes mesmos mercados identificados também possam sofrer mudanças, quando a atividade pesqueira se tornar mais produtiva e competitiva em termos de mercado. Fica a dúvida se este mesmo mercado de pequena escala, onde a proximidade entre pescador e consumidor é peculiar, baseado na confiança e em métodos muito tradicionais utilizados na forma que se sugere, poderá subsistir.

Entretanto, se observa aceitação maior do consumidor pela pesca artesanal do que pelos peixes produzidos através da piscicultura. Isso se deve a preferência pelas espécies nativas do rio Quaraí e seus afluentes. Os consumidores, por muitas vezes, alegam a diferença de sabor na carne de peixe em relação àqueles produzidos pela piscicultura, por se tratarem de peixes exóticos.

Das políticas públicas oferecidas pelo Estado no setor da pesca, sugere fortalecer a pesca em uma base que não a extrativista, oferecendo oportunidades de mercados mais amplos, como o caso da merenda escolar. Apesar de o discurso estar voltado para solução e apoio à atividade do pequeno pescador, não foi esta a realidade constatada nesta atividade produtiva. O fornecimento constante de pescado que é exigido pela merenda escolar, nem

sempre é possível ao pescador artesanal local fornecer, devido à incerteza no momento da pesca, pois a natureza nem sempre fornece a quantidade esperada no prazo determinado.

A Cooperativa surge disposta a se integrar, com projetos e ideias que deverão alavancar a atividade pesqueira no município, podendo auxiliar o pescador artesanal na sua transferência de modalidade de pesca, fortalecendo algumas formas de mercados existentes e oportunizando novos mercados para estes pescadores.

Ao concluir o estudo realizado junto às famílias de pescadores artesanais do município, é importante considerar as condições enfrentadas por estes ao longo da jornada da atividade. Realmente o potencial de consumo da carne de pescado é incontestável, porém a força de oferta do produto tem pontos a serem considerados.

Durante um ano econômico o pescador artesanal não poderá pescar por um período de quatro meses, ou seja, o período da piracema ou período defeso, embora este tenha uma renda provida pelo seu direito social, todos os pescadores concordam que é necessária uma complementação de renda com outra atividade.

Nos outros meses do ano o pescador artesanal ao exercer sua atividade na pesca, está sujeito às reações da natureza.

No período que corresponde ao verão, está sujeito à estiagem muito comum nesta região, quando os rios e em especial o maior deles o rio Quaraí, sofre com o nível baixo de suas águas. Formando os conhecidos lagoões onde reduz consideravelmente a utilização de redes, pois em muitos casos a consequência é o risco de predação dos cardumes que poderá comprometer a preservação das espécies. Somados ao clima quente que interfere na qualidade da carne, embora esta esteja conservada em gelo não poderá ficar muito tempo para ser consumida ou congelada sob o risco de perda.

Nos períodos de inverno são muito frequentes as cheias. Outro problema, pois devido as correntes fortes as redes não podem ser utilizadas, pois não resistem à força das correntezas ou sua função de captura é comprometida já que as águas em movimento deixam a rede na superfície da água.

O que se constata é que a pesca artesanal local tem suas peculiaridades, com as dificuldades na prática da pesca frente aos fenômenos climáticos da natureza e a captura nem sempre é a planejada ou esperada pelo pescador.

Os pescadores têm as práticas de preservação da natureza, tais como, não pescarem em locais onde as águas são rasas e de pouco movimento e evitam capturar as espécies proibidas como o dourado e o surubim.

De conhecimento destas realidades é frequente a ideia de que a criação de peixes seria a solução para atender a demanda do mercado local. Propostas e sugestões muito comuns entre a liderança de órgãos públicos do município que tem alguma relação com o setor, porém fica a dúvida a ser contestada, teria a carne do peixe exótico à mesma aceitação que o pescado nativo pelo mercado consumidor local?

Pelas informações empíricas e os comentários, muitos consumidores não trocariam o pescado nativo pelo exótico, devido o seu sabor e aceitação como paladar.

Considera-se importante uma pesquisa que aborde um estudo amplo a respeito das problemáticas da continuação dos filhos de pescadores artesanais na profissão dos pais, assim como a aceitação do peixe exótico no mercado local do peixe.

Também poderiam ser aprofundados todos os aspectos que foram abordados nesta obra, identificando as potencialidades do mercado do peixe no desenvolvimento local e a articulação de formas dinâmicas da inclusão das famílias do setor da atividade pesqueira em novos mercados.

REFERÊNCIAS

- AGNE, C.; WAQUIL, P. D. **Redes de proximidade: agricultores, instituições e consumidores na construção social dos mercados para os produtos das agroindústrias rurais familiares na região central do RS.** REDES, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 1, p. 149 – 171. jan/abr. 2011.
- BORGES, Caroline, CARDOSO E. **Pesca e Pescadores no Rio Taquari.** Interfase. p.44 a 46, 16 de maio de 2013.RS: Arroio do Meio.<
<http://revista.uft.edu.br/index.php/interface/article/viewFile/483/305>.Acesso em 12 de Agosto de 2013.>
- CARVALHEIRO, E. **A Construção Social de Mercados para os Produtos da Agroindústria Familiar.** 2010. TESE (Pós Graduação e Doutorado). POA, PGDR/UFRGS, 2010.
- CATELLA, A. C. **Aspectos ecológicos e culturais da pescaria de anzol. 2007.** Disponível em: <<http://www.Infobibos.Com/artigo/2007-4/pescaria/index.Htm>>. Acesso em: 09 Jun. 2013.
- CAVALCANTE, R. R. **A Pesca Brasileira - seus recursos, políticas e estratégias de interesse nacional.** Brasília: Escola Superior de Guerra/Departamento de Estudos de Política Estratégica, 1989. 82 p.
- CAVALCANTE, R. E. **Caracterização da pesca artesanal exercida pelos pescadores cadastrados na colônia Z-3 do município Oiapoque-Amapá.** Amapá: UEAP, 2011. 25 p.
- COTRIM, D. S. **Comércio local de peixe cultivado na região metropolitana de Porto Alegre. Porto Alegre:** RJ/UFRRJ, 1997. 21p.
<http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/Mono_Decio_Cotrim> Acesso: em 20 de dezembro de 2012.
- CUNHA, Z. B. **Pesca artesanal no município de São Lourenço do Sul: produção e estimativas do dano ambiental.** São Lourenço do Sul: UFRGS, 2011. 21p.
< <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/38317/000819986.pdf?...1>> Acesso: em 20 de Junho de 2013.
- DIEGUES, A. C. S. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar.** São Paulo: Ática, 1983 p.287.
- DIEGUES, A. C. S. & ARRUDA. **Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil. Brasília, Ministério do Meio Ambiente;** (2001). São Paulo, USP, 176 p (Biodiversidade, 4).
- DIETZ, D. A. **A influência das organizações sociais no modelo de desenvolvimento local: O desenvolvimento a partir da comunidade de pescadores profissionais artesanais de Tramandaí, RS.** Conclusão de Curso, Balneário Pinhal, RS, 2011.

DOS ANJOS, F. S.; NIEDERLE, P. A.; SCHUBERT, M. N.; SCHNEIDER, E. P.; GRISA, C.; CALDAS, N. V. **Pesca artesanal e pluratividade: o caso da colônia Z3 em Pelotas, RS.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO LOCAL, 2. Santa Cruz do Sul. Anais... Santa Cruz do Sul: UNISC, 2004.

HALL, Robert Ernest; LIEBERMAN, Max, **Microeconomia: Princípios e Aplicações.** São Paulo: PTL, 2003, p.53.

HIJEN, J; FERREIRA, S. **A globalização e as consequências para os pescadores artesanais e as suas famílias.** XXIº Congresso Mundial do Apostolado do Mar. RJ, RJ, 2002.

Disponível em:

< http://www.scielo.br/scielo. Php? Script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300009&lng=en&nrm=ISO > Acesso em 25 de março de 2013.

IEFMG, **Espécies proibidas de captura.** Disponível em: < <http://www.ief.mg.gov.br/pesca> > Acesso em 10 de março de 2013.

IBAMA, **Piracema Bacias do RS e SC em 2011 / 2012**< <http://www.ibama.gov.br/servicos-recursos-pesqueiros/defeso-aguas-continentais>> Acesso em 10 de agosto de 2013.

MENDES, L ; VELOSO, T; **Valor Econômico destaca crescimento do mercado de pescado no Brasil,** São Paulo – Brasília, MPA. Gov. 2012<<http://www.mpa.gov.br/index.Php/imprensa/noticias/1109-valor-economico-destaca-crescimento-do-mercado-de-pescado-no-brasil>> Acesso em 24 de fevereiro de 2013.

MENDRAS, H. **Sociedades camponesas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MINISTÉRIO DA PESCA E AQUICULTURA – MPA. **Informações e Estatísticas.** Disponível em:< <http://www.mpa.gov.br/>> Acesso em 24 de fevereiro de 2013.

MORAES, Sergio Cardoso de. **Colônia de pescadores e a luta pela cidadania.** Disponível < <http://claudomirtavares.blogspot.com.br/2010/09/colonias-de-pescadores-e-luta-por.html>. Acessado em 10 de Junho de 2013.>

MPA. **Brasil investe em produção de pescado.** Brasília: DF. Disponível em<<http://www.mpa.gov.br/index.php/imprensa/noticias/2020-avanco-governo-federal-licita-areas-para-producao-de-60-mil-toneladas-de-pescado>>. Acesso em: 10 de Agosto de 2013.

PASQUOTTO, V. **Pesca Artesanal do Rio Grande do Sul: Os Pescadores de São Lourenço do Sul e suas estratégias de reprodução social,** 2005, 143 p. Dissertação, Mestrado em Desenvolvimento Rural, UFRGS, Porto Alegre, RS.

PORTER, Michael E. **Estratégia Competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência.** Rio de Janeiro: Campus, 1996.

RUFFINO, M. L. (Coord.). **A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia brasileira.** Manaus: IBAMA / Pro Várzea, 2004.

ROSA, Ricardo S. LIMA, Flávio C. T. **Os peixes Brasileiros ameaçados de extinção.** São Paulo: Museu Zoologia USP, 1996. <

<http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/biodiversidade/fauna-b>. Acessado 23 de Julho de 2013>.

SIS FRONTEIRAS. **Diagnóstico local de saúde Quaraí**. Porto Alegre RS. UFRGS, 2007. Disponível em <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Diagnostico_Local_Quarai-RS.pdf> Acessado em 15 de Julho de 2013.

SOUZA, M. A. A, **Instituições e o Desenvolvimento da Atividade Pesqueira. Artesanal do Rio Grande do Sul**. Itaquí - RS/UFP, 2009. <<http://www.sober.org.br/palestra/13/890.pdf>> Acesso em 15 de fevereiro de 2013.

SEMA RS, **Bacia hidrográfica do Rio Quaraí**. 19.09.2010. Disponível em: <<http://www.sema.rs.gov.br/>> Acesso em 15 de fevereiro de 2013.

SBI. **Manifesto da Sociedade Brasileira de Ictiologia sobre a liberação da pesca do dourado e do surubim no Rio Grande do Sul**. PR: Pinhais, 2008. <<http://www.sbi.bio.br/Pdfs/ManifestoSBI-PeixesAmeacados.pdf>. Acessado em 23 de Julho de 2013>.

WAQUIL, P. D, MIELE, M. SCHULTZ, G; **Mercados e Comercialização de Produtos agrícolas**. 1ª edição – POA/UAB/UFRGS - 2010.11p.

WAQUIL, P. D, MIELE, M. SCHULTZ, G; **Mercados e Comercialização de Produtos agrícolas**. 1ª edição – POA/UAB/UFRGS - 2010.15p.